

ANGOLA

LIVRE



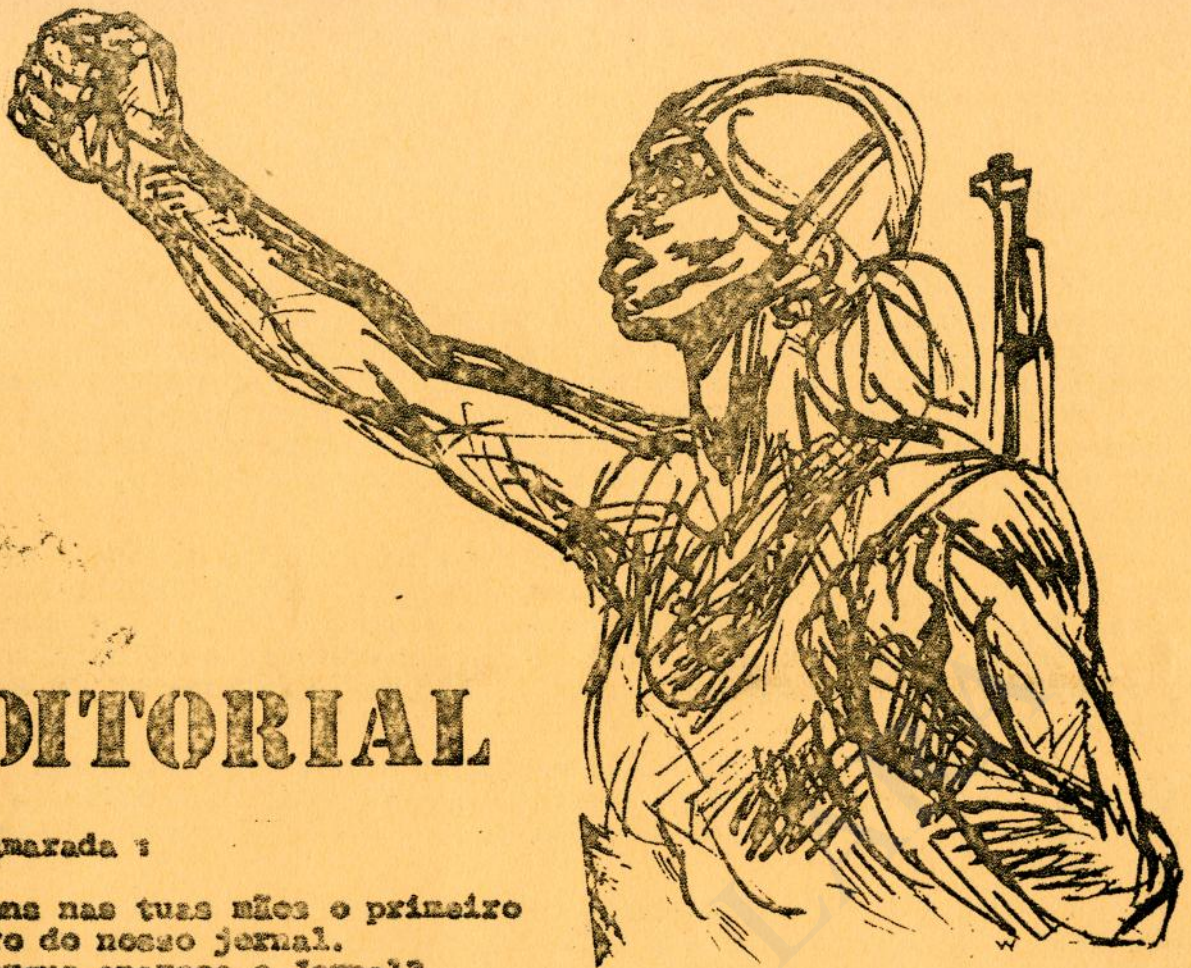
*As Comité Director  
do movimento popular para a  
libertação de Angola - M.P.L.A.*



HOJI YA HENDA

Edições CASA DE ANGOLA





# EDITORIAL

Camarada :

Tens nas tuas mãos o primeiro número do nosso jornal.

Porque aparece o Jornal?

Que objectivo temos em vista?

O Jornal aparece como meio prático de actuação dinâmica e dinamizadora; surge porque, neste momento, existe todo um conjunto de condições, que estão na sua base: a tomada de consciência face ao momento político actual, o processo de consolidação e vivificação da base ideológica do nosso trabalho.

O nosso Jornal é fruto dessas condições, <sup>sem</sup> ~~sem~~ as quais ele não existiria e, fundamentalmente, não seria sequer pensado.

Os objectivos a que nos propomos perspectivam-se na base do desenvolvimento da nossa consciência política.

Cumpríremos se todos lançarmos mãos ao trabalho; é uma das formas porque isso pode ser feito é a crítica. Crítica o jornal. Compõe as tuas dúvidas, avanta hipóteses e soluções para os problemas que ora vivemos e para os que com o desenvolvimento do processo irão nascendo.

Angola Livre ! Qual liberdade? Liberdade que Angola reclama, pela qual lutou e está lutando para a criação de uma sociedade justa, livre da opressão e de todas as formas de exploração do homem pelo homem!

Eis, pois, o porquê e para quê do nosso jornal.

A sua leitura crítica é necessária; a tua participação indispensável.

## SUMÁRIO

FUNDO HISTORICO.....

A REVOLUÇÃO EM ANGOLA:..

HOJI YA HENDA:.....

COLONIALISMO.....

FORMA:

O COLONIALISTA:..



## FUNDO HISTÓRICO

A luta de libertação nacional em Angola tem raízes numa longa tradição de resistência à penetração estrangeira. Durante um período de quatro séculos, houve levantamentos contra a ocupação portuguesa e a conquista militar em várias partes do país. A memória colectiva do povo ainda lembra o exemplo histórico e chefes guerreiros, como Bula Matadi, Ngola Kiluanje, Njinda, Hamavoko, Ekwikwi, Mutu Ya Kevela, Mwachisenge, Kabalata, Mwe Mbande e Mandume.

Até ao fim do século passado e na segunda década do séc. XX, um grupo de intelectuais - entre os quais Silvério Ferreira, Paixão Franco, Cordeiro da Matta e Assis Júnior - usaram, pela primeira vez a palavra escrita para contestar o colonialismo e foram eles que construíram as linhas do tipo moderno do movimento nacionalista.

Foi dentro deste mesmo espírito que a Liga Nacional Africana foi fundada em 1929. A sua vanguarda foi reconhecendo a necessidade do abandono dos métodos legais de luta contra o sistema colonial.

Mas foi após a Segunda Guerra Mundial, e especialmente após 1953, com a formação dos primeiros partidos políticos clandestinos, que a vida política em Angola sofreu uma real transformação.

Os primeiros partidos clandestinos formavam-se em 1953. O Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.) fundado em Dezembro de 1956, surgiu de agrupamentos políticos tais como o Partido para a Luta Unida de Angola (P.L.U.A.) e o Movimento para a Independência de Angola (M.I.A.). Mais tarde, em 1958, outra organização política, o Movimento para a Independência Nacional de Angola (M.I.N.A.) também se reuniu ao M.P.L.A.. Desde o princípio o M.P.L.A. esteve empenhado na organização clandestina das massas nas cidades e no campo.

Mas em 1957 a P.I.D.E., a polícia fascista, foi reforçada em Angola. No dia 29 de Março de 1959, realizou-se uma das maiores incursões policiais, lançando na prisão dezenas de chefes nacionalistas e uma multidão de suspeitos.

Um mês depois, no dia 26 de Abril, a Força Aérea Portuguesa estabeleceu-se em Angola com grande estrondo. E para comemorar este acontecimento o Governador-Geral fez um dos seus discursos mais ameaçadores: "O país não está defendido se não possuir estrutura militar...". Ao mesmo tempo era forçado a reconhecer pela primeira vez que Angola não estava a viver "em paz e harmonia" quando disse "começaram a surgir panfletos em Angola, como já tínhamos calculado...".

Em Julho de 1959, houve outra vaga de prisões afectando principalmente um certo número de dirigentes do M.P.L.A., entre os quais Ilídio Machado.

No dia 8 de Junho de 1960, o Dr. Agostinho Neto, então Presidente Honório do M.P.L.A. foi preso em Luanda. A população de Icolo-e-Bengo aldeia onde nasceu, protestou contra a sua prisão. Foram mortas 30 pessoas e 200 foram feridas no local. Este foi o Massacre de Icolo-e-Bengo.



A acção da P.I.D.E. estava aliada à das tropas portuguesas. Rugas constantes, buscas às casas, incendio de habitações e torturas, tornaram-se acontecimentos diários.

No dia 29 de Dezembro de 1960, 20 nacionalistas, muitos deles vindos do distrito de Cabinda, foram fuzilados no pátio da prisão de Luanda.

A polícia terrorista desmantelou com sucesso a maioria das malhas do M.P.L.A. e decapitou numa grande extensão a organização interna do Movimento. Isto claro que teve consequências no civas quando foi lançada a luta armada no ano seguinte. A falta de quadros dentro do país foi dolorosamente sentida.

Podem-se tirar duas conclusões destes factos. Em primeiro lugar, o Movimento Nacionalista Angolano, que remonta ao princípio deste século, é um dos mais antigos em África. Se a maior parte do continente se manteve afastada de Angola, isto deve-se em grande parte às dificuldades inerentes à luta clandestina e à natureza prolongada da presente guerra de libertação. Em segundo lugar, a luta política Angolana do período antes da guerra foi sustentada clandestinamente, o que a tornou particularmente difícil, especialmente quando se toma em consideração a falta de experiência do Povo Angolano e do próprio Movimento Nacionalista, nessa altura.

#### A REVOLUÇÃO EM ANGOLA

"Felizes todos os que combatem pela causa da justiça e contra a tirania, os que aspiram pela liberdade, pois a acção armada não é só um sacrifício. Não é só um sorvedoiro de vidas, Não serve só para tingir os campos de batalha com o sangue dos melhores filhos e filhas do nosso povo. É também uma escola. É também o meio pelo qual o povo continuará a luta no futuro, após ter sido alcançada a independência completa, para ser completamente livre, política, social e economicamente."

Agostinho Neto

Presidente do M.P.L.A.

No dia 4 de Fevereiro de 1970, o povo angolano entrou no seu décimo ano de guerra. Sob a direcção do M.P.L.A. o nosso povo tem caminhado ao longo de uma estrada, semeada de sacrificios e de derrotas, assim como de vitórias. Ele tem realizado estas tarefas de uma forma heróica, com a determinação que só pode vir de uma fé profunda na legitimidade das suas aspirações combinada com a inabalável resolução de lutar até ao fim, de lutar até alcançar a vitória. Tem sido uma entrada difícil devido aos obstáculos naturais e artificiais criados pelo inimigo e resultantes dos nossos próprios erros - obstáculos que têm sido ultrapassados com coragem e auto-sacrifício.

Tais sacrificios têm de ter as suas compensações dialécticas das quais a mais visível é sem dúvida a de observar como a critica arrasadora das armas está hoje a despedaçar os mitos



de séculos de propaganda, a romper o véu de mentiras e de falsificações da história e a preparar a queda dum vasto edifício baseado no mais bárbaro e retrógado sistema de exploração a que já foi alguma vez sujeitado no mundo um povo.

A acção heróica do nosso povo - submetido há séculos à história mas agora o seu digno e responsável agente - é o que dá à nossa luta as características de um processo revolucionário dinâmico e resistível. Não existe nenhuma força que o possa paralisar, sejam quais forem as circunstâncias futuras, meios ou alianças. Porque a nossa luta tem a marca indelével dos acontecimentos históricos que transformam o homem, dando-lhe dimensões super humanas, e que caracterizam as épocas históricas, apresentam a roda humana para um futuro mais radiante.

#### A VIDA REVOLUCIONÁRIA DO COMBATENTE

## HOJI YA HENDA

A vida do camarada, comandante Hoji Ya Henda, caído heróicamente a 14 de Abril de 1968, durante o assalto aos quartéis, de Karipande, está estreitamente ligada ao desenvolvimento da luta armada em Angola.

Com efeito, o camarada Hoji começou a militar na organização clandestina do M.P.L.A. em Luanda, com a idade de 17 anos. Nessa altura a luta era difícilíssima, onde era necessário usar todas as forças físicas e anímicas, para convencer as massas a pegar em armas contra o ocupante estrangeiro, e Hoji Ya Henda revelou-se um agitador político brilhante e muito activo.

Procurado pela P.I.D.E.-D.G.S., refugiou-se no Congo-Kinshasa, actual Zaire. Entretanto em Angola a luta ultrapassava a fase política para se situar na militar.

Em 1964 o M.P.L.A. inicia a luta armada em Cabinda. O camarada Hoji Ya Henda, nomeado comandante, contribuirá de uma forma inestimável para o desenvolvimento das actividades militares nesta região.

Tem 21 anos. Está em toda a parte e dirige pessoalmente todas as acções militares. Algum tempo depois o M.P.L.A. incumbiu-o de uma missão muito importante na Rodésia do Norte, ainda sob dominação britânica.

Durante a sua permanência neste país, foi descoberto pelas autoridades britânicas, que o prendem e condenam a trabalhos forçados.

Na Rodésia do Norte, alcançada a independência com a dominação de Zâmbia, foi libertado o comandante Hoji Ya Henda que retomou as actividades revolucionárias.

Em 1966 com 24 anos, foi promovido a coordenador da missão política-militar do M.P.L.A., tornando-se assim altamente responsável pela organização militar de todo o território nacional.



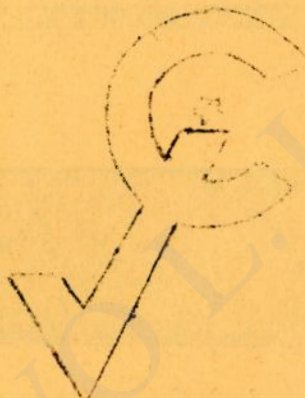
(cont. da pág.4)

Em 1967, em resposta à palavra de ordem do camarada Presidente Agostinho Neto, "generalização da luta armada a todo o território nacional" o camaradã comandante Hoji Ya Henda fica responsável pela terceira região, com a pesada responsabilidade de pôr em prática essa palavra de ordem.

A 14 de Abril de 1968, o camarada Hoji Ya Henda cai heróicamente no assalto à caserna de Karipande.

Em Agosto do mesmo ano, a assembleia regional reunida em ~~Maputo~~ libertado da frente leste, reconhecendo às suas qualidades excepcionais, consedeu-lhe a título postumo, o título de "Filho Bem Amado do Povo Angolano e Heróico Combatente do M.P.L.A."

A juventude angolana saberá inspirar-se na vida exemplar do comandante Hoji Ya Henda.



#### O DIA 25 DE JUNHO

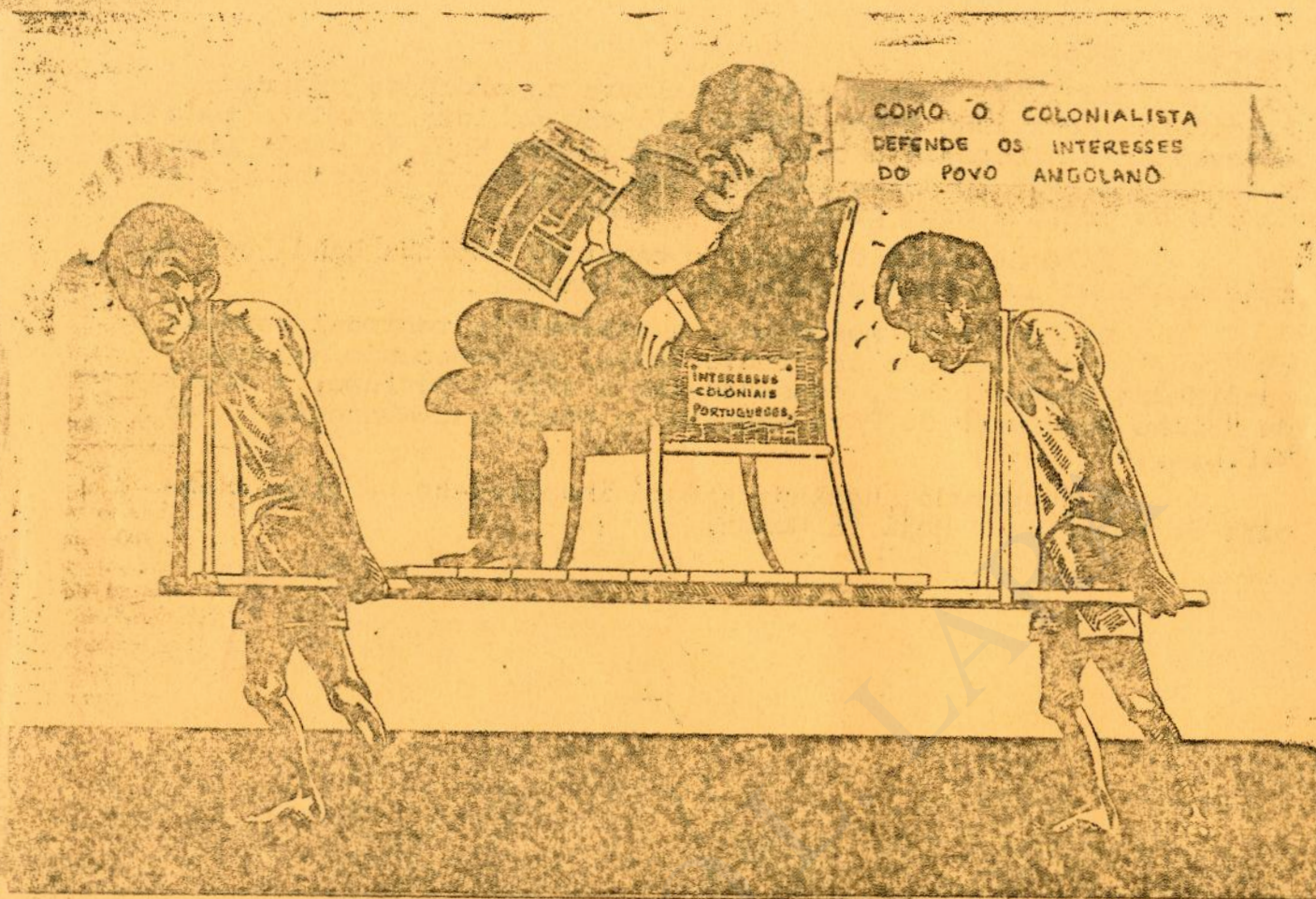
A data de 25 de Junho representa um momento histórico de capital importância para o povo Moçambicano, assim como para os povos das colónias (Guiné-Cabo Verde, Angola, S.Tomé e Príncipe) e essencialmente para a luta dos povos oprimidos de todo o mundo. O dia 25 de Junho representa a data histórica da fundação da FRELIMO. Esta data traduz a prática revolucionária da solidariedade internacionalista entre os povos das colónias (Angola, Guiné-Cabo Verde e S.Tomé e Príncipe) no combate contra o inimigo comum: -o colonialismo, o imperialismo e todas as formas de exploração do homem pelo homem.

No primeiro número do nosso jornal, não poderíamos deixar de saudar militantemente a FRELIMO, vanguarda revolucionária do Povo Moçambicano, como também as vanguardas revolucionárias das restantes colónias (M.P.L.A., P.A.I.G.C., e M.L.S.T.P.) e todas as forças portuguesas que, na prática, lutam contra o colonialismo e o imperialismo.

VIVA A FRELIMO  
VIVA O M.P.L.A.  
VIVA O P.A.I.G.C.  
VIVA O M.L.S.T.P.

Viva a justa Luta de Todos os FOVCS Oprimidos





### O COLONIALISMO EM ANGOLA

Em síntese a história do colonialismo é o processo de exploração violenta e terrorista que levou à destruição de toda a estrutura capaz de perseguir o livre desenvolvimento das forças económicas, sociais e políticas Angolanas, de modo a permitir aos invasores a prossecução dos seus objectivos que se materializam na pilhagem desenfreada e feroz dos territórios e respectivo potencial humano.

Este processo tem início com o capitalismo mercantilista através das trocas comerciais, intensifica-se durante a sua evolução, atingindo uma nova expressão na fase imperialista que acentua o seu cortejo trágico de genocídio, de concentrações divisionistas das populações em determinadas zonas afastando-as do contacto com os nacionalistas em armas, para tal apropriando-as das suas terras.

#### EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA PENETRAÇÃO E OCUPAÇÃO PORTUGUESA EM ANGOLA

##### A-ACTIVIDADE MERCANTIL E CONSTITUIÇÃO DE FEITORIAS (Séc.XV e XVI)

Quando os portugueses chegaram à foz do Zaire (1482) encontraram um comércio bastante desenvolvido e uma produção dirigida para trocas inter-comunidades, como era o caso do sal, objectos de cobre e ferro entre outros.

Inicialmente a tentativa de domínio fez-se com a instauração de feitorias nas costas, no meio das tribos e em pontos estratégicos do interior, procurando desse modo integrar-se no padrão comercial local como estratégia para os fins em vista, negociando com os povos e usando os termos de troca já existentes.



Os portugueses porém não se viram bem sucedidos, pois faltavam-lhes produtos que tivessem aceitação do povo. Recorrem então á sua experiência de navegação comerciando produtos das várias regiões da costa Angolana em que aportaram, principalmente tecidos de palmeira procurados como vestuário e como moeda.

Saliente-se o desenvolvimento econômico, social e político, das populações, o que testemunha a existência de uma estrutura organizada (em reinos) que impõe aos portugueses forte resistência ás tentativas esboçadas já na altura para tentarem controlar as suas principais riquezas minerais, nomeadamente o cobre.

#### B - EXPORTAÇÃO DE ESCRAVOS COMO MÁQUINA DE TRABALHO (século XVII, XVIII e IX)

Angola encontrou-se ligada à colonização do Brasil. Porquê? Como?

Precisamente porque as plantações e os jazigos minerais explorados pelos colonos no Brasil necessitava de mão-de-obra em quantidades substanciais e a baixa população aliada à recusa do índio à submissão constituíam um entrave a essa exploração.

Então recorrem à África, mais concretamente a Angola onde os colonos utilizando o processo de comércio altamente rentável da escravatura exportam institucionalmente vários milhões de Angolanos. Para se ter uma mínima idéia desta sangria poder-se-á dizer que hoje a população de Angola será mais ou menos um terço do que era na altura.

Essa exportação não se dirigiu apenas para o Brasil, mas igualmente para o resto da América, S. Tomé e também em certa margem para Portugal.

#### C - LUTA PELA PARTILHA E OCUPAÇÃO MILITAR (séculos XIX e XX)

Acontecimentos importantes obrigam Portugal a uma modificação da sua política em relação a Angola.

Primeiro relacionado com a independência do Brasil; surge depois a abolição formal da escravatura (de 1836 a 1890, após o decreto que abolia "formalmente" a escravatura verificou-se ainda um incremento da exportação de escravos), e esta continuou sob outras formas, como "trabalho forçado", e nos nossos dias de "contratado". Por último, Portugal fica na contingência de perder as colónias devido ás pressões que se geraram a nível internacional e que se manifestam nessa altura sob a égide do imperialismo (potências de então: Inglaterra, Alemanha e França).

Estes factores obrigam a uma ocupação militar nos termos da Conferência de Berlim (1885), antes mesmo que o desenvolvimento da economia interna de Portugal o exigisse. Perry Anderson denomina a colonização portuguesa por "colonização reflexa" na medida em que não foi o desenvolvimento das forças produtivas de Portugal que determinou tal ocupação, mas pressões externas como foi dito acima.

Esta ocupação militar depara com forte resistência do povo, que repele o domínio estrangeiro, originando assim as céle



bres campanhas às quais os colonialistas portugueses, como meio de disfarçar, deram o nome "de guerras de pacificação". Foi necessário um longo período de lutas, traições e violências para que os portugueses pudessem impôr o seu domínio.

A medida que iam violentando a soberania do povo Angolano, os portugueses iam também fazendo a ocupação administrativa criando uma estrutura que lhes facilitava a exploração colonial.

#### D - EXPLORAÇÃO COLONIAL

O processo seguido pelos portugueses na colonização do território de Angola foi o das grandes plantações, contrariamente às grandes "metrópoles" colonialistas que utilizavam as colónias para satisfazerem as suas necessidades em matérias primas e novos mercados para escoamento da sua produção.

A razão lógica disto, é precisamente a escassez de capitais por parte de Portugal. Inicialmente Portugal fomentou a emigração para Angola, de origem rural e de condenados de direito comum. Ora, a exploração das plantações necessitavam de capital e de mão de obra. Se em relação à mão de obra ela existia em quantidade abundante, dado a prática do trabalho forçado, já o problema do capital foi difícil de resolver, uma vez que esses colonos não o possuíam.

É pois por isso, que Portugal recorre à colonização do território através de capitais públicos transplantando famílias portuguesas rurais para Angola, criando condições de "habitat" semelhantes às das aldeias de origem que foram dar azo ao chamados "colonatos" (Colonato da Ceta em 1953).

Saliente-se que este processo de exploração colonial através das plantações implicou a expropriação violenta e pilhagem das melhores terras dos angolanos, deslocando-os do seu meio social e geográfico provocando a desagregação na sociedade angolana pelo roubo e pela violência. Só em 1970 existiam 150.000 assalariados do comércio, das indústrias transformadoras, das minas da construção civil e da administração colonial; 800.000 assalariados da agricultura, das companhias de transporte e das obras públicas e dos serviços caseiros (criados) desprovidos de qualquer apoio sindical, assistência médica nula, social e educacional inesistente.

Como os capitais públicos eram escassos, Portugal vê-se obrigado a recorrer ao capital estrangeiro. Verifica-se assim uma partilha do território angolano entre capitais estrangeiros e portugueses: os portugueses concentrando-se na exploração agrícola, e o capital estrangeiro entrega à exploração mineira.

#### SÍNTESE DA ANÁLISE ECONÓMICA

Sob o ponto de vista económico e no seguimento da destruição de uma estrutura capaz de prosseguir o livre desenvolvimento económico em prol das reais necessidades do povo Angolano, a burguesia colonial-imperialista instalou todo um sistema de produção que é um misto do modo de produção escravagista com o modo de produção capitalista.

1 --O modo de produção escravagista foi instalado logo no período da invasão com a destruição da economia tradicional. Mas esta destruição não foi mais rápida e profunda porque



os colonos não eram em número suficiente, por isso na zona do café ainda permaneceu um número restrito de plantadores Angolanos. Nos sectores do milho e do gado permaneceram pequenos agricultores Angolanos, em maioria, mas a sua integração no sistema capitalista através da comercialização levou-os ao pagamento de impostos e à eliminação das trocas inter-comunidades e a aumentar as suas vendas ao sector colonial à procura de dinheiro. A impossibilidade de pagamento de impostos, forçou-os a venderem a sua força de trabalho nas plantações, nas minas, etc.,... e quando não havia trabalhadores os colonialistas recorriam ao recrutamento forçado para as minas e agricultura. Uma das modalidades utilizadas foi o sistema dos contratados, que em 1955 mantinha mais de metade da mão de obra Angolana nessa situação, em que os intermediários vendiam à força os trabalhadores a troco de um salário ínfimo.

Além desse sistema de contratação existia ainda uma forma individual de recrutamento que abarcava os antigos proprietários agora expropriados em virtude de terem sido violentamente desaposados dos seus terrenos de cultivo em favor dos exploradores de café, tabaco, algodão, minas e outros.

Deste modo a apropriação de mais-valia atinge na agricultura e nas minas um nível sem paralelo em pleno século XX

2 -- Sob o ponto de vista capitalista, com a Conferência de Berlim (1885) vai-se assistir à utilização em Angola do método preferido pelo grande capital internacional para a exploração, que é o da acumulação rápida do capital e a viragem total para o mercado externo. É neste período que o imperialismo intensifica a sua penetração através da exploração directa das grandes minas em toda a África, em particular em Angola com a descoberta dos diamantes no norte onde os Ingleses implantaram a Diamang com o monopólio que lhe permite actuar como um verdadeiro estado dentro de Angola. A política económica então vigente foi a de exportação das matérias primas cuja exploração caminha a par com a prática de remunerações baixíssimas e uma assistência social médica nula. Ao lado desta exportação assiste-se à implantação de conjunto de investimentos em infraestruturas tais como instalação e aperfeiçoamento dos portos marítimos, construção de redes rodoviárias para transporte a longa distância, das minas aos portos e ainda a ligação da via férrea de penetração aos grandes centros de exploração mineira sob o domínio dos capitais belgas e britânicos no Congo ex-Belga (Catanga) e nos territórios sob o domínio inglês da Rodésia e Niassalândia.

A partir deste período a economia angolana fica dividida em dois grandes sectores: um constituído por empresas onde predomina o capital português e que se encontram altamente ligados à exploração agrícola e indústrias afins, formado por:

- a)- Os colonos em empresa individual
- b)- Agricultores angolanos cada vez mais integrados no modo de produção capitalista, mas que estão altamente subordinados ao capital português.
- c)- Grandes sociedades dependentes de grupos económicos com sede em Portugal:



- CADA (explora 80% do café com participação de um banco francês - Mallot et Cie)
- INDUVE (Controle das Indústrias de Óleos Vegetais associada ao grupo CUF)
- CASSEQUEL
- AÇÚCAR DE ANGOLA
- d)- Grandes companhias internacionais mas que fornecem os seus produtos a empresas portuguesas
- TEXTANG (domínio dos têxteis -interesses belgas e holandeses)
- COMPANHIA DE FERRO DE BENGUELA (Construído por capitais ingleses sob controle de Tanganika Concessions com sede em Salisbúria que está ligada ao grupo OPPENHEIMER).

O outro sector é aquele que devido à grande dimensão das empresas exige a existência de avultados capitais para investimentos, o que só o capital português não podia satisfazer, pelo que está intimamente ligado à grande burguesia internacional.

Esse sector abrange a extração mineira com os já citados diamantes: DIAMANG (reúne interesses sul-africanos, belgas, ingleses, americanos e portugueses.

- EMPRESA DE COBRE DE ANGOLA (ligada ao grupo CUF)
- COMPANHIA MINEIRA DO LOBITO (Interesses de grupos CHAMFALIMAUD, que em associação com o grupo KRUPP, poderoso trust Alemão, exploram as minas de Cassinga e ainda em associação com o grupo nipónico NIPPON MINING).

Neste sector os USA fazem a sua aparição fundamentalmente na exploração dos jazigos de petróleo de Cabinda e na refinação em ligação com os capitais portugueses e belgas, tais como:

- CARBONANG -Lobito Oil Company,
- PETROFINA -C<sup>a</sup> Financière Belge des Pétroles
- CABINDA GOLF OIL

A partir de 1961 data do levantamento popular de Angola a guerra exige um esforço económico que as fracas estruturas de Portugal não conseguem manter.

O Governo Salazarista lança então, um apelo às potencias imperialistas para que o ajudem neste esforço de guerra em troca da abertura à infiltração económica.

Com a criação duma lei de 1965, permitiu-se a criação de sociedades em que o capital estrangeiro fosse maioritário, assim como a possibilidade de transferencia livre dos juros, dividendos e lucros provenientes desses investimentos.

Os E.U.A. que favorecendo o movimento de guerrilha (Olden Roberto - pois queriam suplantá-lo Portugal) verificam o interesse que representa esta nova lei utilizando-a também para seus fins imperialistas. Contudo, é a Alemanha que através dos seus grupos KRUPP e DEUTSCHE BANK tem sido o melhor sustentáculo do regime colonial fascista português.



O regime racista da África do Sul tem o papel de guarda dos interesses imperialistas na África Austral, colaborando num dispositivo militar, económico-financeiro para servir de tampão ao desenvolvimento dos movimentos de guerrilha.

Por outro lado Portugal não consegue prosseguir a guerra em Angola, Moçambique e Guiné, senão porque beneficia da ajuda financeira e militar da NATO e directamente dos Países aderentes à NATO.

Recorde-se o que foi dito na Conferência de Roma, em Junho de 1969:

" A importância dos interesses económicos estrangeiros nas colónias portuguesas e o crescimento da ajuda militar ocidental que ela implica, modificaram qualitativamente a guerra colonial portuguesa; a agressão contra os povos das colónias internacionalizou-se.

#### ALGUNS ASPECTOS SOCIAIS DO COLONIALISMO

Sob o ponto de vista social, o colonialismo como forma extrema da dominação dos povos levou à redução violenta da população angolana, devido à sua exportação como força de trabalho para outras regiões.

Deste modo, o colonialista implantou toda uma estrutura que actualmente é encimada pelo Governo Geral, ( órgão personificador do domínio de uma classe, a burguesia colonial imperialista e seus aliados), comandou a mistificação do homem angolano através da imposição de um sistema socio-cultural, materializado por um tipo de ensino afastado da realidade angolana, e que servia de apoio aos objectivos da exploração colonial.

Além do ensino, a outra base de apoio da exploração colonialista é a religião, que desde o início da invasão teve um papel preponderante na mistificação da sociedade angolana, impondo um novo padrão de valores desenraizado da realidade angolana.

Assim, vemos que nas zonas onde a ocupação colonialista se faz sentir com maior acento, o elemento de comunicação social que predomina é a língua da classe dominante, o português, cujo aparelho de dominação, através do Governo Geral, tentou por todos os meios abafar, embora sem êxito, a língua natal, facto que é testemunhado pela proibição do ensino da língua natal nas referidas regiões.

Nas outras zonas subsiste o modo de produção semelhante, embora com ligeiras transformações, ao do período pré-colonial e mantêm também os elementos socio-culturais angolanos que permitem encontrar numa Angola independente a sua livre evolução natural sob a verdadeira afirmação do Homem Angolano.

#### NOTA:

Mais pormenores sobre aspectos referentes à educação colonial e assistência médica - sairão no próximo jornal



8340  
EA-05-66

## POESIA

A luta de libertação nacional não se materializa unicamente na luta armada; antes pelo contrário, essa luta é um movimento dinâmico que compreende três factores fundamentais - a produção, o ensino e o combate. Estes factores são indissociáveis no processo revolucionário. O papel da cultura só toma força e riqueza, quando ela é um produto próprio da REVOLUÇÃO.

É traduzindo a luta de Libertação e conseqüentemente todo o processo de desenvolvimento da luta armada, ou seja, o processo revolucionário dirigido pelo Povo, que o poema ocupa o seu verdadeiro lugar - O COMBATE DO POVO PELA LIBERDADE.

A luta de Libertação Nacional é também um acto de Cultura.

### COLONIALISTA

Colonialista

Angola de que dizes ser o descobridor

Angola que teimas em explorar

Angola que finges amar

Que para sentires mais tua

Minaste de mulatos

E os abandonaste

A chorar com fome

Morta de ranheta caída da boca

E lágrimas salgadas de miséria

No colo da mãe negra lavadeira

Angola em que pretendes

Continuar tua posição opressora

Essa Angola não é tua

Essa Angola é nossa

Essa Angola é do Povo

Do Povo há quinhentos anos

Em luta constante

Do Povo firme

Em fazer voltar

A Paz ao seu seio

Do Povo sedento de liberdade

Do Povo enlutado

Do Povo cujos filhos forçaste  
a combater o seu irmão

A quem chamaste

INIMIGO

Essa Angola tu não a descobriste

JÁ EXISTIA

Essa Angola sempre existiu

Essa Angola é nossa

É do POVO

É ao Povo que cabe tomar

A directriz da sua terra

Por ti escorraçada

RETIRA-TE EXPLORADOR

ANGOLA NÃO É PORTUGAL

ANGOLA É ÁFRICA

ANGOLA É DO POVO ANGOLANO

-- (de uma camarada Angolana)





"AS MASSAS FORAM O MOTOR DA LUTA ARMADA; TRANSFORMARAM-SE AO LONGO DESSA LUTA CONQUISTARAM A SUA REAL AFIRMAÇÃO E, POR FIM, ESSAS MASSAS SERÃO, DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA, O MOTOR DA REVOLUÇÃO. É A ESSAS MASSAS, POIS, QUE COMPETE DENUNCIAR E COMBATER, DURANTE E DEPOIS DA LUTA, ESTAS MANOBRAS DO IMPERIALISMO E DOS SEUS ALIADOS INTERNOS E EXTERNOS, DEPENDENDO ASSIM A POSSIBILIDADE DE OBTEREM UMA INDEPENDÊNCIA TOTAL E COMPLETA."

Agostinho Neto  
PRESIDENTE DO M.P.L.A.